

Um Vulto entre as Cortinas

Romance Policial

"Qualquer semelhança com pessoas ou fatos terá sido
mera coincidência".

Inácio Dantas

® Biblioteca Nacional (São Paulo - Brasil)



Maison
Editora



© Copyright by
Indício Dantas

Vers. 3.1.2 – 04/2023

EAN 978-15-201-2070-6

Euchões da Cunha – Bahia, Brasil.

Índice:

Prólogo	7
14 de Março de 2005 - (Segunda-feira)	9
I.....	9
II.....	12
III.....	13
IV.....	14
V.....	14
VI.....	15
VII.....	17
VIII.....	18
IX.....	19
X.....	20
XI.....	21
XII.....	23
XIII.....	24
XIV.....	30
XV.....	32
XVI.....	40
15 de Março de 2005 - (Terça Feira)	42
I.....	42
II.....	42
III.....	43
IV.....	45
V.....	47
VI.....	50
VII.....	52
VIII.....	53
IX.....	60
X.....	63
XI.....	64
16 de Março de 2005 - (Quarta Feira).....	67
I.....	67

II.....	68
III.....	76
IV.....	82
V.....	82
VI.....	84
VII.....	85
VIII.....	87
IX.....	89
17 de Março de 2005 - (Quinta-feira).....	94
I.....	94
II.....	97
III.....	98
IV.....	103
V.....	105
VI.....	107
VII.....	108
VIII.....	110
IX.....	111
X.....	112
XI.....	118
18 de Março de 2005 - (Sexta-feira).....	123
I.....	123
II.....	124
III.....	125
IV.....	128
V.....	128
VI.....	131
VII.....	132
VIII.....	137
IX.....	138
X.....	140
XI.....	144
XII.....	146
XIII.....	147
XIV.....	149

XV.....	154
XVI.....	155
XVII	159
XVIII.....	160
XIX.....	161
XX.....	163
XXI.....	164
19 de Março de 2005 - (Sábado).....	166
I.....	166
II	176
III.....	178
20 de Março de 2005 - (Domingo).....	182
I.....	182
II	184
III.....	185
21 de Março de 2005 - (Segunda-feira)	188
I.....	188
II	192
III.....	198
IV	199
V	204
22 de Março de 2005 - (Terça-feira)	207
I.....	207
II	214
III.....	216
IV	221
V	224
VI.....	225
VII	228
VIII.....	230
23 de Março de 2005 - (Quarta-feira)	233
I.....	233
II	235
III.....	236

IV	238
V	240
VI.....	243
VII	246
VIII.....	254
IX.....	256
X	257
XI.....	258
XII	262
XIII.....	264
XIV	276
XV.....	278
XVI.....	279
24 de Março de 2005 - (Quinta-feira)	282
I.....	282
II	284
Inácio Dantas - Relação de livros editados:	293

Prólogo

Dentre todos os crimes praticados pelo homem, três tipos podem ser considerados os mais abomináveis: o latrocínio – crime seguido de morte –, o rapto e o sequestro.

Tirar a vida de um semelhante para roubá-lo, ou então privá-lo da liberdade em cárcere fechado contra a sua vontade, sob tortura física, psicológica ou ameaça de morte, tendo por objetivo dinheiro, ou seja lá o que for, é algo que arremete o ser humano ao fosso da dignidade e o faz retroagir aos seus mais primitivos instintos: o de animal irracional.

E o pior de tudo é não encontrar na justiça um braço forte para interceder, localizar, prender e punir os autores e assim o crime ficar sem solução e os criminosos impunes...

Mas, no bairro de Campo Alto, na cidade de São Paulo, o acometimento desses, ou de outros tipos de crimes, têm um guardião para investigar, punir e prender...

Embora lamente-se profundamente a perda da vida de uma empresária, o crime foi esclarecido em curto espaço de tempo, e quem estava envolvido foi encontrado e a punição foi exemplar.

A equipe da décima-sétima delegacia de polícia, capitaneada pelo delegado titular e a eficiente equipe de detetives, não deixa crime sem solução nem bandido sem punição.

Na sua jurisdição, onde as atribuições não se limitam a crimes cotidianos, toda o time de policiais age com determinação e faz valer o poder que emana a lei, aplicando-o na defesa dos inocentes, mas punindo com todo rigor os criminosos.

E nesse episódio você verá que não foi diferente...

Acompanhe passo a passo, dia a dia, o movimento desses guardiões da sociedade.

Depois de vários dias de investigação implacável eles têm um veredicto em mãos, insofismável e incontestável:

Culpado!

O autor

14 de Março de 2005 - (Segunda-feira)

I

Helen lavava as mãos no banheiro da escola...

Nessas duas últimas semanas de aula, todas as manhãs ela olhava distraidamente pelo vitrô do banheiro e via sempre, no majestoso prédio residencial ao lado, as janelas abertas ventilando o apartamento e o sol penetrando entre as cortinas esvoaçantes. Mas, hoje, diferentemente, ao erguer a cabeça para olhar-se no espelho e arrumar a tiara nos longos cabelos e ajeitar os óculos, viu, através do vitrô entreaberto, um vulto estranho no apartamento movimentando-se freneticamente tentando fechar a janela do quarto. Apesar dos vidros verdes esfumaçados, quase impenetráveis à luz e aos olhares externos, viu, no momento em que a janela era fechada, o vulto usando óculos escuros. E viu também o contorno das suas mãos negras de onde, repentinamente, fulgiu um brilho avermelhado ante um raio de sol dourado que refletiu no ar. Curiosa, fixou o olhar mais atentamente e viu atrás do vulto uma sombra no fundo do quarto. Não pôde discernir, porém, se era o vulto de outra pessoa ou de algum móvel: o lustre do quarto obstruía sua visão. Rapidamente as cortinas se fecharam e, por um instante, através

de uma fresta, o vulto detrás dos óculos escuros olhou fixamente para o vitrô do banheiro, momento em que os dois olhares se cruzaram... Ela estremeceu. Por segundos temeu aquela visão, como num sonho escuro, perdida sem rumo numa estrada longa. Sentiu um calafrio. Aquele vulto estranho, definitivamente, viu com detalhes sua silhueta pueril e o desenho da sua face de pele alva coberta por óculos de grossas lentes. Ela se afastou, passos miúdos para trás, silenciosamente. Fechou num movimento rápido a torneira que ainda derramava água e, agora a passos largos retornou à sala de aula enxugando as mãos na roupa. Era o seu décimo dia de aula na quinta série daquele colégio. Por singulares coincidências, esta segunda-feira, quatorze de março de dois mil e cinco, seria um novo marco em sua vida.

Quem, afinal, Helen viu no apartamento do prédio ao lado, numa distância de apenas dez metros? Uma coisa era certa: o vulto que ela viu, também por ele foi visto e, inquestionavelmente, se aquela presença humana representava algo escuso ela fatalmente representava perigo.

Ao retornar à sala de aula abriu a porta e entrou atabalhoadamente, sem pedir licença à professora. Todos os alunos da sala perceberam sua inquietude e a olharam inquisitivamente. Sentou-se na carteira e conferiu o horário no relógio da parede: 11:30h. Com o olhar detrás das lentes congelado nos dois ponteiros, resmungou baixinho, para si mesma, “essa não, ainda resta meia hora...”. A professora, ao perceber sua agitação indagou:

–Helen, tudo bem com você?

–Sim, professora, tudo bem... – Respondeu com voz trêmula

–

–Tudo bem mesmo, tem certeza? Parece que você viu uma assombração!

Ao dizer essas palavras a classe inteira centrou os olhos na garota e gargalhou, ressoando um eco de quarenta vozes...

Mas Helen não estava para piadas e chacotas. Na sua expressão física denotou repúdio à atitude dos colegas. Dentro de si era um poço de aflições e precisava de uma boia salvadora, não de uma âncora de sarcasmos...

–Acho que é o calor, professora...

–Copie as lições, você está atrasada! – Ordenou virando-se para a lousa. –

Cabisbaixa, ela abriu o caderno, centrou o rosto nas páginas e passou a copiar desenfreadamente as lições. Ao terminar, por alguns segundos se desligou da aula e do caderno e pôs-se a pensar nesse novo mundo que passou a viver.

Era o seu primeiro ano letivo naquele colégio. Mudara-se da zona norte havia menos de sessenta dias, pois seu tio vendera o pequeno apartamento que moravam e comprara um amplo e confortável sobrado no bairro. Tudo ainda era novidade – e

todos ainda lhe eram desconhecidos. Novo lar, novos amigos, nova escola e professores... E também novos problemas...

Transcorridos trinta minutos a sirene da escola soou anunciando o fim das aulas. Eram exatamente 12:00h.

II

Helen era uma garota estudiosa, embora tímida e retraída por ter sofrido, no seu curto tempo de vida, infortúnios das poderosas mãos do destino. Tinha um corpo franzino, pele clara, cabelos loiros e longos e olhos castanhos que necessitavam de lentes corretoras.

Contava apenas onze anos de idade. Enquanto as demais crianças da sua idade viviam num mundo de alegria e brincadeiras, ela era reclusa, fechada em si mesma, prisioneira de um passado que insistia em estar sempre presente. Trazia no peito feridas de um sofrer que somente o futuro seria capaz de curar. Nesse breve período de existência perdera seu pai, que a abandonara aos dois anos de idade, quando num acidente de carro, dirigindo bêbado, causara a morte de sua mãe. Condenado pelo acidente, cumpriu a pena e depois desapareceu. Ela, órfã, ficou entregue aos cuidados de sua tia Júlia e de seu tio Vicente.

III

Júlia era uma senhora de trinta e três anos e única irmã da mãe de Helen. Casada com Vicente há dez anos, não tinha filhos. Morena de olhos negros, irradiava uma meiguice e uma beleza interior iluminada pela beleza exterior. Apesar de despojada e de enfrentar os percalços da vida com disposição e garra, vivia por dentro sua incompletude de mulher, pois faltava-lhe ainda sentir no ventre a doce emoção de gerar seu próprio filho. E ela acalentava esse sonho, sonho de todo casal, inalienável. Quando mentalizava a possibilidade, deixava verter lágrimas tristes, pensativa com reflexões do tipo: “Quem sabe um dia, com a ajuda da evolução da medicina e das técnicas da tecnologia moderna...”. Quanto a Helen, adotara-a quando do acidente com a irmã e a tinha como filha. Cercava-a de todos os cuidados e com a entrega plena que toda mãe tem por um filho natural, afinal em suas veias corria o mesmo sangue da sobrinha. Cuidava da menina com ternura e afeto. Falava suave, com um jeito dócil, palavras pausadas e carregadas dos simbolismos do amor, que, para quem ouvia, pareciam brotar de um sentimento vivo, originário de uma verdadeira mãe. Formavam uma família feliz, unida, de bem com a vida, cercada de paz, amor e todo conforto material.

IV

Vicente era taxista, trinta e seis anos, estatura média, forte, de boa aparência. Estava, invariavelmente, com um chapéu tipo cowboy para esconder a calvície que se desenhava de forma expressiva. Vestia, habitualmente, sobre camisetas brancas de rodeio, um jaleco preto com botões de metal com a estampa de um alazão; usava calça jeans bem cuidadas e impecáveis e reluzentes botas de couro. Era o estereótipo, na cidade, de um homem do campo; um aficionado pelo estilo country-sertanejo. Possuía carro próprio e trabalhava na área central do bairro de Campo Alto na cidade de São Paulo. Apesar da profissão simples, como tantos milhões de brasileiros, aquele cowboy do asfalto tinha um padrão de vida estável. Um homem lutador, determinado, perseverante. Diariamente ia trabalhar com o seu táxi e, não raro, ficava até tarde da noite, para engordar o faturamento; não recusava passageiro nem temia os riscos iminentes e inerentes à profissão. Incansável, mesmo em dias chuvosos saía às ruas. Para justificar seu corre-corre, costumava repetir um bordão a quem o contestava: “pedra que rola não cria limo...”.

V

De segunda a sexta-feira, pontualmente às 12:00h, Vicente enfileirava seu carro na porta do Colégio Santa Catarina para buscar a sobrinha. E durante essa semana e meia de aula não fora diferente. Parado em frente ao portão central do colégio, viu quando ela saiu. Pôs-se de pé ao lado do carro, ergueu a mão e acenou. Helen, vendo-o, rapidamente desceu as escadas em sua direção.

–Oi tio!

–Oi Helen. Como foi o seu dia de aula?

–Foi corrido, teve muita lição...

–Está com fome?

–Um pouco...

Ela abriu a porta do carro, entrou e sentou-se no banco traseiro, e como de hábito afivelou o cinto de segurança.

Vicente também entrou, fechou a porta, afivelou o cinto de segurança e ligou o ar condicionado. Deu a partida e saiu...

Campo Alto é um bairro de classe média com todos os requintes de classe alta. Localizado na zona sul de São Paulo, estende-se numa uma região de alta concentração demográfica para sua pequena extensão territorial.

Na parte leste fica instalado seu parque industrial, com empresas de tecnologia de ponta e acesso a autoestradas com largas pistas, propiciando um bom corredor de exportação. Na parte central localiza-se o núcleo do setor comercial. Na parte oeste, a região baixa, é cortada pelo Rio Águas Turvas, local de sérios e recorrentes problemas de transbordamentos nas épocas das grandes chuvas.

Sua avenida principal, que praticamente divide o bairro em norte e sul, é a Campo Alto. Cortada pela avenida Flores Eternas, nome escolhido em razão do jardim suntuoso que se estende por todo o seu percurso. Em particular, é uma área nobre, de lazer e de atividades culturais. Ali, inebriando o ar, inspira-se uma mistura heterogênea de perfumes de múltiplas essências que exalam das flores, além de contemplar-se uma plêiade mágica de pétalas dos mais variados matizes esparzidos pelo vento, a fazer dueto com o cantar melodioso de canários, bem-te-vis e pintassilgos. Conta, ainda, com parques e bosques aprazíveis, bem cuidados, e com a sombra generosa de imponentes árvores centenárias.

Em sua área leste, divisa-se com importantes bairros como Suzanópolis, Vila dos Manguezais, e Ituperanga.

Nos registros de ocorrências policiais constam que ali, apesar da ativa vida noturna, é de baixa taxa de criminalidade, posto que é uma região tranquila e de população ordeira.

A delegacia, décimo-sétimo distrito policial, é um prédio encravado nessa área, derivando para a região central. No outro extremo, logo no início da parte sul, a parte mais alta, é onde se localiza a escola de Helen, o Colégio Santa Catarina.

VII

As calçadas estavam semivazias, poucos transeuntes se aventuravam e o trânsito na avenida estava calmo – era horário de almoço. E mesmo sob aquele ar de tranquilidade, Vicente era de pouca conversa quando ao volante. Concentrado no movimento da pista, era o cuidado em pessoa. Estivesse só, ou com passageiro, gostava de dirigir com pouco falatório, preferencialmente ouvindo música em baixo volume. Por isso, não obstante a presença de Helen, ligou o som do carro num volume ameno e dividiu a viagem entre o volante e as canções sertanejas, mas, sem desviar a concentração com o trânsito. Ela já se acostumara com aquele seu jeito de ser. Em casa, em razão de sua ausência para o trabalho, era com sua tia que ela conversava abertamente e de quem ouvia orientações, conselhos e recomendações, como se fossem de mãe para filha. Com ele,

diferentemente, apesar do amor paternal que lhe dedicava, o diálogo resumia-se ao básico, ao estritamente necessário.

VIII

Final de verão, o sol brilhava em raios dourados. O ar estava seco, o calor abafado. O táxi, em velocidade regular, descia a avenida Campo Alto, momento em que o semáforo no cruzamento com a avenida Flores Eternas ‘fechou’. Vicente freou antes da faixa de segurança; um grupo de pedestres atravessou calmamente. Nesse instante alguém, com passos apressados, atravessou a rua olhando fixamente para o táxi. Entretanto, esse ‘alguém’ não viu Helen sentada no banco traseiro; ela estava encolhida no canto. Mas ela o viu segurando firme uma valise de couro, alça dourada, estilo ‘007’. Seu tio, nesse exato instante, semáforo no ‘vermelho’, estava com o porta-CD no colo, cabisbaixo, escolhendo um novo CD. Distraído, nem percebeu quando o semáforo mudou de cor, sinalizando o ‘verde’. Foi quando a sobrinha o advertiu:

–Tio, o farol ‘abriu’!

Ele livrou-se rapidamente do porta-CD, ergueu a cabeça e num movimento rápido e ágil engatou primeira marcha e retomou viagem.

–Desculpe Helen, acho que me distraí...

Desculpou-se meio sem jeito, justificando-se, tentando não dar importância ao ocorrido.

Ela, calada, meneou a cabeça positivamente e também não deu atenção ao fato, afinal nesse trânsito caótico da cidade é corriqueira uma ação imponderada. O que ficou de importante é que vira a passagem de uma pessoa na rua e era como se já a tivesse visto antes... “Isso é besteira, é cisma que eu pus na cabeça, afinal pela lei das probabilidades, para cada pessoa existem pelo menos sete sócias praticamente iguais...”, considerou, lembrando-se ter lido em algum livro essa estatística, enquanto a lembrança daquela pessoa se diluía em sua mente...

IX

“Segunda-feira parece que é um dia diferente, as horas demoram a passar e nos sentimos mais cansados”, avaliou Helen, agora distante apenas cinco quadras de casa. Depois de um ótimo final de semana, quando fora à festa de aniversário de uma amiga na vizinhança, divertira-se e sentira o que era ser uma criança despreocupada, alegre, feliz; e hoje tudo estava tão diferente...

Absorta, com um livro aberto sobre o colo, aproveitava aquele hiato de tempo para estudar e divagar. Mas somente olhava as letras, era um estudo do nada... E divagava, sobre tantos acontecimentos em tão pouco tempo. Havia alguns, inclusive, que mereciam reflexões e análises mais aprofundadas para pôr os ‘pingos nos is’ na sua história recente. É quando, de repente, suas elucubrações são interrompidas pelo ‘toque’ musical do celular do tio. Ele, sem tirar a atenção do volante, pegou-o no console, olhou no *visor*, viu quem era, desligou o som do rádio e atendeu. Depois de ouvir algumas palavras do interlocutor, respondeu apenas “tudo bem, depois conversamos melhor...”. Finalizada a breve ligação, repôs o celular no console, religou e alteou o volume do som...

X

O almoço já estava pronto quando chegaram em casa. Júlia era organizada e pontual como o Big-Ben. Além de cozinheira excelente. Invariavelmente às 12:30h a mesa já estava posta. No almoço e no jantar era quase uma rotina, os três reunidos à mesa a compartilhar o alimento. Júlia multiplicava-se para fazer o papel de mãe, esposa e dar conta dos afazeres domésticos. Casa bem arrumada, o cheiro da sua comida a transcender a cozinha...

Cuidadosa com o marido, dedicava um zelo e proteção especial à sobrinha. Fôra um juramento que fizera quando da morte da irmã. E, enquanto “Deus lhe desse vida e saúde” iria cumprir. Comprometera-se com os céus, e consigo mesma, e tinha esse encargo como uma missão que levaria por toda a vida.

XI

Depois do almoço, após um breve descanso, Vicente retornou ao trabalho. Helen, prestativa, foi ajudar a tia nas tarefas. Arrumou a mesa, lavou talheres, limpou a casa... Enquanto colocavam tudo em ordem conversaram, lembrando algumas tristezas do passado para tê-las como lição de vida e jamais repeti-las novamente; quanto às alegrias, queriam eternizá-las. Falaram dos estudos, sonhos, projetos, coisas do cotidiano – Helen nem se lembrara do episódio que presenciara naquela manhã no banheiro da escola – e, sobretudo do futuro. Júlia, então, olhando-a com ternura, perguntou:

–Que profissão você gostaria de seguir?

–Médica pediatra, tia. Quero cuidar de crianças. Têm muitos órfãos doentes no mundo, abandonados e sem o amor de uma família. - Respondeu de forma inocente, mas convicta, usando a si mesma como exemplo.

Júlia, que já conhecia sua índole, viu um céu de bondade nos propósitos da sobrinha e entendeu bem o porquê, afinal, aquele que já sofreu na pele as dores da vida vive mais suscetível às dores alheias. Portanto, ia cuidar dela, doar-se por inteiro, não permitir que nenhum perigo ou contrariedade lhe abatesse. Concluíra que “aqueles que se dedicam ao bem devem ser resguardados contra o mal.”. Com relação à sobrinha, somente uma vez e nunca mais ousou trazer seu passado de volta; foi quando lhe perguntara, em dúvida do seu amor:

–Você ainda se lembra do seu pai verdadeiro?

Ela, com mágoa e inconformismo por ter sido abandonada, ainda no berço, respondera:

–Tia, como eu posso me lembrar dele se ele se esqueceu de mim? Desde o meu nascimento ele era meu pai, mas deixou de ser ao me deixar. Agora meu verdadeiro pai é o tio Vicente e a minha verdadeira mãe é você!

Ao ouvir essas palavras ela se comoveu. As vozes silenciaram e lágrimas rolaram na face. As duas se abraçaram no calor de um mesmo sentimento, o amor, e juraram ficar juntas para sempre. E assim, Júlia, a partir daquele momento, jamais duvidaria da grandeza do seu amor. Por isso, o fato de ser filha adotiva não diminuía, mas aumentava o tamanho do amor dos seus novos pais: ela era, sim, a filha que eles não puderam ter por um capricho do destino.

Helen, completada em suas carências afetivas, era feliz sob o teto daquela família que a acolheu e que por ela nutria o mais sublime sentimento.

XII

Eram 14:00h quando Helen subiu para o seu quarto. As tarefas escolares a esperavam, além de um merecido descanso.

Seu quarto era pequeno, o suficiente para a dimensão do seu universo. As paredes indefectivelmente brancas, móveis novos, brinquedos e bichos de pelúcia organizadamente distribuídos sobre o carpete. Sua cama, no lado esquerdo, mantinha-se sempre bem arrumada, qual uma cama de boneca. Aliás, ela mesma a arrumava antes de sair cedinho para a escola. No lado direito, uma mesinha com um aparelho de som e vários CDs cronologicamente enfileirados. Tudo arrumado, invejavelmente. Anexo, numa estante, uma pequena biblioteca com diversos livros, alguns clássicos, de grandes autores, cadernos de todos os anos letivos e os seus diários organizados por ano, desde quando ganhara o primeiro como presente de aniversário. Fixada na parte superior da estante uma placa com letras garrafais informava: ‘Biblioteca da Helen’.

Sim, ali era o seu oásis. Solitário, imperscrutável. Onde podia fechar a porta, ligar sua música e se desligar do mundo. Podia rir e chorar, ler e refletir, e viajar nas asas dos seus sonhos pueris...

XIII

A escuridão tomava assento quando Júlia bateu levemente na porta do quarto da sobrinha e chamou-a:

–Vou servir o jantar - Avisou entreabrindo a porta, com um tom de voz maternal. -

–Já vou tia...

Ela desligou o som, arrumou os livros e cadernos, apagou a luz e desceu ao piso inferior do belo sobrado que moravam numa rua arborizada. Ao entrar na cozinha, local das refeições, Vicente lá estava, recém-chegado, ocupando seu lugar de costume à mesa. Como sempre fazia, com a pequena TV da copa sintonizada no jornal das dezenove horas.

–Boa noite tio!

–Boa noite filha!

–O que tem de jantar hoje, tia?

Antes que desse tempo de Júlia virar-se para responder, a jornalista na TV anunciou, com voz empostada, um crime ocorrido no bairro:

“Hoje pela manhã um assalto seguido de morte abalou a tranquilidade dos moradores do bairro de Campo Alto. A esposa de um importante empresário do ramo de calçados foi encontrada morta em seu apartamento...”.

Helen, ao ouvir a abertura da reportagem, ajustou os óculos, realinhou a tiara nos cabelos, cravou o olhar nas imagens e concentrou os ouvidos, interessada naquele fato, que normalmente passava despercebido, pois não dava qualquer atenção a notícias de violência. Vicente, no entanto, sempre interessado em assuntos desse tipo, ajeitou a cadeira e passou a acompanhar atentamente a reportagem. Como taxista da região, precisava manter-se atualizado com o que acontecia na vizinhança. Conhecia vários empresários locais e era comum atender chamadas para levá-los ao centro da cidade, aeroporto, ou aos seus locais de trabalho. A reportagem prosseguia. A repórter detalhava a cena do crime:

“No quarto do seu apartamento, no edifício Orquidiazul, o corpo de Diana Montenegro foi encontrado com a cabeça sobre uma poça de sangue, possivelmente vítima de uma agressão, visto que não há marcas de tiro ou ferimentos com arma branca. Segundo a polícia, a vítima ao cair bateu com a têmpora na quina do criado mudo e com o impacto morreu quase instantaneamente. No ato da sua queda derrubou o abajur, cujos

vidros se estilhaçaram e se espalharam no chão. Rastros de sangue ficaram impregnados no piso, pisoteados com os cacos de vidros, pois a vítima estava descalça. Ainda não foram levantados os valores roubados bem como se desconhece a razão e o autor do crime. Os investigadores estão mapeando o caso e a Perícia Técnica colhendo materiais e impressões digitais afim de elucidar o possível latrocínio...”

Diante da TV, a família Oliveira, Vicente, Júlia e Helen, por alguns momentos, esqueceram o jantar e passaram a acompanhar atentamente o desenrolar das notícias. E a repórter continuou:

“E agora um breve depoimento do investigador da 17ª delegacia, o Sr. Tony Zamprona.

–Sr. Zamprona, o que a polícia já apurou e pode nos dizer sobre esse crime? – Perguntou a repórter Linda Reis do canal de TV ‘45’, aproximando seu microfone juntamente com outros repórteres de outras TVs, rádios, e jornais. –

–Como você pôde antecipar, posso dizer, e reafirmar, que estamos em ação, levantando dados e tomando ciência do que realmente aconteceu. Tudo indica que foi um roubo e a vítima reagiu, o que poderia ter desencadeado uma forte reação do agressor e precipitado sua morte. Alguns detalhes colhidos nos permitem traçar um panorama sobre a mecânica dos fatos e do que pode ter acontecido. Não são provas ainda, reitero, são apenas indícios. Nas próximas horas teremos mais elementos e

comunicaremos à imprensa. No momento é só o que tenho a dizer. Tudo mais que eu possa acrescentar será mera opinião, o que poderá prejudicar a elucidação do crime”.

Nesse instante era filmado o quarto, cena do crime. Podia-se ver o corpo estendido no chão e um policial cobrindo-o com um lençol. Era uma mulher jovem, deitada de bruços, ainda de pijamas. Suas vestes estavam rasgadas e com manchas de sangue, como de alguém que estivera dormindo, levantara-se da cama e lutara ferozmente com alguém. A expressão no seu semblante, pelo pouco que se pôde ver, era de ira e pavor, revelando que, mais do que pelos bens, lutara pela vida. Seus cabelos tinham mechas de sangue, os braços contorcidos e com alguns hematomas, estavam abertos como em sinal da cruz. Uma de suas mãos estava aberta e a outra fechada, como uma ostra, segurando algo com uma força rígida desmedida. O câmara-man virou-se e começou a passear com sua câmara no aposento; mostrou os móveis do quarto, um cofre na parede com a porta aberta e vazio, papéis espalhados junto com alguns papéis e documentos sobre a cama. Num giro da câmara, filmou a janela de voal com seus vidros verdes, a cortina de renda amarela. Em seguida dirigiu-se para a sala e filmou a porta por onde teria entrado o criminoso e, ato contínuo, caminhou até a janela e abriu os vidros. Filmou a sacada onde tinham vasos de plantas com exuberantes azaleias avermelhadas e nas laterais das paredes viçosas samambaias-de-metro. Por fim, deu uma panorâmica externa, focou a lua, a noite que se cristalizava, a

rua movimentada, os prédios e, num relance, o colégio de Helen...

Júlia assistia com um olho na TV e o outro nas panelas e nos afazeres domésticos. Helen, ao contrário, era plena atenção. Seus olhos detrás dos óculos estavam vidrados. Concentrada no que via e ouvia, sentiu um frio lhe percorrer a espinha e invadir a alma no instante em que a TV mostrou a imagem do seu colégio e o vitrô do banheiro. Por segundos calculou a dimensão do que vivenciara. As cenas tinham voz própria e pareciam falar consigo. Era como se lhe transmitissem uma informação em código. De repente a repórter encerra a matéria. O microrrelógio na TV marcava 19:03h. Helen, que até então era silêncio, resolveu falar, mesmo indecisa:

–Tio...

–Psssst... Outra hora você fala, querida. – Recomendou desligando a TV pelo controle remoto. – -agora vamos jantar que a comida está esfriando.

Nesse instante Júlia pôs-se a servir a mesa. Fez-se um silêncio de vozes, e o que ouvia-se era somente o tilintar dos talheres e o baque dos pratos sendo distribuídos.

Helen ouviu a ‘ordem’ do tio respeitosamente e viu-se na obrigação de engolir as palavras, apesar de que se fosse falar para contar uma história qualquer mal saberia por onde começar. Enquanto mastigava pequenas garfadas do jantar, refletia

consigo: “E se eu estiver errada? E se naquele horário o vulto que eu vi era, na verdade, o dono do apartamento ou uma empregada fazendo faxina nos vidros, trocando as cortinas, ou ainda fazendo manutenção na janela? Dizer simplesmente, ‘acho que eu vi uma determinada coisa...’ é completamente diferente de afirmar ‘eu vi exatamente uma coisa!’”.

O assunto em questão era muito sério, para não dizer complexo, e ela não podia arriscar falar hipóteses ou detalhar algo que não tinha plena convicção. E com toda sua inteligência sabia que, às vezes, a visão das coisas pelos olhos de uma criança pode ser passível de uma compreensão deturpada em relação ao fato real; notadamente para ela que tinha deficiência visual, e, mesmo com o foco corrigido pela lente dos óculos, poderia ter visto uma coisa e enxergado outra... Na verdade ela já não tinha tanta certeza assim; de repente tudo que gravara na mente poderia ser levado para o campo das ficções ou das suposições infundadas. A única lembrança certa que lhe restava era das mãos negras fechando os vidros. Aquele minuto de imagens no banheiro fora uma eternidade de incertezas para ela.

O transcorrer do jantar dos Oliveira, hoje, teve um sabor amargo, bem diferente dos dias anteriores. A mesa fora cercada por um longo silêncio de sons e olhares; respirava-se um certo ar de compenetração...